

**A educação ambiental no ensino médio: A importância da prática
testemunhal docente****Environmental education in high school: The importance of teacher witness
practice**

DOI:10.34117/bjdv6n8-656

Recebimento dos originais: 28/07/2020

Aceitação para publicação: 28/08/2020

Márcia Garcez de Ávila

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, campus Jaguarão)

E-mail: marciaavilapibid@gmail.com

Bento Selau

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Vivian Cross Turnes

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, campus Jaguarão)

Carolina Goulart Munhoz

Mestra em Agrobiologia

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO

O presente trabalho se constitui em um recorte de uma dissertação, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação, no Programa de pós-Graduação (PPGEdu) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão. Os dados aqui apresentados foram coletados no decorrer de uma proposta interventiva de mediação entre teoria e prática em Educação Ambiental (EA), que aconteceu na Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora do Patrocínio, na cidade de Dom Pedrito/RS, com os 2ºs Anos, no decorrer de 2016, tratando do tema "impactos ambientais". As atividades diversificadas foram planejadas com o objetivo de melhorar o entendimento dos estudantes acerca do tema e, conseqüentemente, os índices de aprovação ao final do ano letivo. Os resultados aqui apresentados emergiram durante debates mediados e são fruto de uma reflexão dos estudantes frente à necessidade da corporificação do exemplo pelo docente, especialmente quando se trata de EA. Os dados servem como base para uma reflexão da práxis docente, não apenas dentro da sala de aula, mas em todo o espaço educacional.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Mediação, Prática docente.

ABSTRACT

This paper is a cutout of a dissertation, presented as a partial requirement to obtain the title of Master in Education, at the Graduate Program (PPGEdu) of the Federal University of Pampa (UNIPAMPA), Jaguarão campus. The data presented here were collected during an intervention proposal of mediation between theory and practice in Environmental Education (EE), which took place at the State High School Nossa Senhora do Patrocínio, in the city of Dom Pedrito/RS, with the 2nd year, during 2016, dealing with the theme "environmental impacts". Diversified activities were planned with the objective of improving students' understanding of the theme and, consequently, the approval rates at the end of the school year. The results presented here emerged during mediated debates and are the result of a reflection of the students in view of the need for the corporification of the example by the teacher, especially when it comes to EE. The data serve as a basis for a reflection of the teaching practice, not only within the classroom, but throughout the educational space.

Keywords: Environmental Education, Mediation, Teaching Practice.

1 INTRODUÇÃO

Cidadania, conforme Castro, Spazziani e Santos (2012, p. 163) é um conceito “que está associado ao de civilidade”. Loureiro (2012) vai além e traz o conceito de ecocidadania, o qual ele considera uma superação dos conceitos de cidadania já formulados, mas que ao mesmo tempo incorpora itens anteriormente elaborados. De acordo com o autor citado:

Ecocidadania é um conceito consensualmente utilizado para expressar a inserção de uma nova ética – a ecológica – e seus desdobramentos na vida diária, em um contexto que, de modo crescente, possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades, tanto locais e comunitárias quanto globais. (LOUREIRO, 2012, p. 32).

O nível de exercício da ecocidadania é proporcional ao nível de consciência adquirido pelo sujeito. Quando um se apresentar débil, o outro certamente também estará (LOUREIRO, 2012). Neste sentido, o autor (2012) alerta que, mesmo em locais onde a educação formal é referência, acontecem casos de negligência com o meio ambiente e descuido com os espaços coletivos.

Neste contexto, no âmbito educacional, o exemplo é um pressuposto do docente realmente comprometido com o ensinar (FREIRE, 1996). Para ele, “Pensar certo é fazer certo” (FREIRE, 1996, p. 34). A hierarquia, para ser bem aceita, especialmente pelos jovens de hoje em dia, precisa vir acompanhada de uma “prática testemunhal” (FREIRE, 1996, p. 34), de uma postura altamente comprometida com a fala. É impossível exigir da atual geração uma atitude de respeito às regras, quando aqueles que deveriam ser os primeiros a cumpri-las, na verdade as ignoram. Neste trabalho, abordarei pontualmente a problemática do tabagismo dentro da escola, um mau exemplo dado por alguns docentes e funcionários, citado pelos alunos durante debates mediados.

2 METODOLOGIA

O trabalho em questão caracterizou-se por utilizar uma metodologia intervencionista. Segundo Damiani (2012, p. 02), este é um termo utilizado “para denominar determinado tipo de pesquisa educacional no qual práticas de ensino inovadoras são planejadas, implementadas e avaliadas em seu propósito de maximizar as aprendizagens dos alunos que delas participam”.

Os alunos participantes desta intervenção estudavam no segundo ano, turno da tarde, nas turmas 204 e 205 do curso Politécnico, perfazendo, à época, um total de trinta e oito discentes¹, com idades que variavam entre 16 e 19 anos. A pesquisa foi desenvolvida em uma sequência de vinte e

¹ Dado relativo ao início do ano letivo de 2016.

seis aulas, de cinquenta minutos² cada uma. Nesta intervenção, mediei atividades teóricas e práticas nas aulas de Biologia, atuando mais especificamente na área da Ecologia.

As atividades foram idealizadas e desenvolvidas a fim de que os alunos aprendessem de uma forma diferente, o que são os impactos ambientais, as causas e as implicações dos mesmos para as formas de vida no planeta, agregando ideias, ampliando os conhecimentos já existentes acerca do assunto e conseqüentemente melhorando seus resultados ao final do ano letivo.

Ansiava também, que ao término desta intervenção, os estudantes pudessem analisar criticamente o papel de cada um frente à problemática apresentada. Descrevo, a seguir, uma visão de todos os momentos da intervenção:

Momento 1 - Verificação dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito do tema impactos ambientais (2 aulas);

Momento 2 - Apresentação do documentário “A Era da Estupidez” (2 aulas);

Momento 3 - Explicação do conteúdo (2 aulas);

Momento 4 - A fotografia como aliada da EA (2 aulas);

Momento 5 - Saída de Campo: Bairro Centro (2 aulas);

Momento 6 - Mostra Digital com Debates (1 aula);

Momento 7 - Saída de Campo: Bairro São Gregório (2 aulas);

Momento 8 - Mostra Digital com Debates (1 aula);

Momento 9 - Saída de Campo: Trilha Ecológica ao Parque das Acácias (2 aulas);

Momento 10 - Mostra Digital com Debates e realização de exercícios (2 aulas);

Momento 11 - Ecoálbuns Digitais: compartilhando experiências com a comunidade (3 aulas);

Momento 12 - Criação de um *blog* (3 aulas);

Momento 13 - Verificação final dos conhecimentos a respeito do tema proposto (2 aulas).

Este projeto de intervenção foi avaliado através de um procedimento qualitativo, pois trabalhei com dados subjetivos: entendimentos pessoais, crenças e valores (BAUER; GASKELL, 2002; MINAYO, 2000; GIL, 1989; LÜDKE; ANDRÉ, 1986) que sofreram mudanças durante sua implementação. Para o trabalho, vali-me de dois instrumentos para coleta de dados, a observação participante e a análise documental. Ambos foram triangulados (MINAYO, 2005) com o intuito de completar sua análise.

² Com exceção das aulas ministradas às quartas-feiras, cujos períodos são de quarenta minutos, em função das reuniões semanais dos professores da escola.

Para facilitar a coleta dos dados anteriormente citados, fiz uso de filmagens durante parte do processo, mais precisamente nas aulas expositivas dialogadas, no debate após o vídeo e nas mostras digitais com debates.

Os dados obtidos foram submetidos a uma análise textual discursiva, amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas (MORAES, 2003). Para este fim, foram divididos em categorias emergentes e apresentados na forma de metatextos.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Freire (2016, p. 291) afirma que, para que os seres humanos possam ser capazes de “ler o mundo”, precisam intervir no mesmo, a fim de torna-lo cultural e histórico, inferindo, fazendo comparações, falando sobre ele e tirando suas próprias conclusões. Neste sentido, os debates mediados revelaram a preocupação – e a indignação – dos jovens sobre o tabagismo, especialmente no interior do educandário.

Sobre o hábito de fumar e suas consequências, sabe-se que:

Ao lado dos veículos como os maiores agentes da poluição atmosférica das cidades, a fumaça do cigarro vem sendo a maior responsável pela degradação da qualidade do ar no ambiente de trabalho em todo o mundo. Esse hábito neolítico e decadente do homem, que as gerações futuras terão dificuldades em compreender, produz transtornos das mais variadas formas. Colocados no meio de um dilema – entre o livre-arbítrio, a liberdade individual e a manutenção e respeito ao bem coletivo (qualidade do ar); entre os direitos e deveres -, os fumantes experimentam a guerra internacional contra o tabagismo. Embargados pelo brilhantismo das publicidades e alimentados pelo prazer da teimosia, os tabagistas continuam fazendo os outros fumarem também quando o ambiente tem ventilação restrita (DIAS, 2001, p. 303).

As turmas participantes da intervenção haviam, no começo do referido ano letivo, iniciado um mutirão de limpeza do pátio da escola por iniciativa própria. Ao dialogar sobre o esforço dos alunos em manter limpo o pátio, procurei trazer à tona uma questão importante para o bom convívio social: o respeito às regras. Neste caso, pontualmente, a questão do uso do cigarro no ambiente escolar, local contemplado na Lei Antifumo (nº 12.546/11)³. Esta prática, além de causar danos à saúde, de acordo com as estudantes, está sujando um espaço que é de uso coletivo. A indignação dos jovens é percebida no relato transcrito⁴ a seguir:

³ Art. 49. Os arts. 2º e 3º da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, passam a vigorar com a seguinte redação: "Art. 2º É proibido o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo fechado, privado ou público" (BRASIL, 2011).

⁴ Troquei os nomes reais dos estudantes por nomes fictícios, escolhidos pelos próprios alunos, com o objetivo de preservar suas identidades.

Águia: A gente foi limpar o pátio...

Canela: ...que a gente foi limpar o pátio, que a gente teve essa iniciativa e tal... se vocês vissem... acho que a gente tem foto ainda, ou não tem mais?

Águia: Não... mas muito mais de cem tocos de cigarro (sic).

Vários dizem que ainda têm as fotos.

Canela: E... e aí entra a questão: se aluno não pode fumar no colégio, esses cigarros vieram da onde? E bem ali, que todo mundo vê! Aluno não foi.

Águia: A gente sabe que teve alunos, mas que teve... pessoas...

Canela: Sim... (OBSERVAÇÃO 3)

Os estudantes afirmaram que professores, funcionários e alunos faziam uso do cigarro dentro do espaço escolar. Durante o debate (OBSERVAÇÃO 3) foi possível observar que os alunos acreditavam que para cobrar o cumprimento de uma regra de conduta, primeiro era preciso dar o exemplo. Este pensamento foi compartilhado por mim.

Canela: Só que aí tipo, é a questão: porque querem cobrar alguma coisa nossa, e vão lá e fazem!

Violeta: Porque é uma... seria uma coisa, é uma coisa errada pra eles cobrar (sic) dos alunos umas coisas que pessoas de dentro do colégio...

Canela: ... acabam fazendo.

Águia: Têm que ser o exemplo, né? Tu pode cobrar (sic) se tu é exemplo. (OBSERVAÇÃO 3)

O tabagismo como um problema de saúde também foi abordado pelos alunos (OBSERVAÇÃO 3). Os estudantes debateram sobre a abstinência dos usuários durante o horário de aula e a necessidade de formar uma consciência (autocontrole) de que durante o período de estudos ou trabalho, as normas de convivência devem ser respeitadas:

Lírio: A pessoa tem que ter a responsabilidade de saber que ela tá (sic) em serviço, que não pode isso, isso e isso. O aluno, no colégio, não pode fazer isso, isso e isso. Aí, se a gente fizer, a gente é punido, ou a gente é expulso ou a gente fica três dias em casa. E por que que um empregado não?

Canela: É por que não dá o exemplo?

Águia: Se o aluno não pode fumar... Mais fiscalização! (OBSERVAÇÃO 3)

Foi possível perceber, em diversos momentos, que a discussão sobre o tabagismo ultrapassou a questão ética – “faça o que mando e não o que eu faço” (FREIRE, 1996, p. 34) – chegando a ser tratada como um problema de ordem sanitária e ambiental. Sendo assim, chamei a atenção para a “herança” que cada tabagista deixa para o planeta, quantificando o número de bitucas descartadas por um fumante que consome, em média, um maço de cigarros por dia. O cálculo deixou alguns estudantes perplexos, especialmente a aluna que relatou ser fumante (OBSERVAÇÃO 3).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do processo interventivo, uma questão que considero importante, refere-se à ampliação do olhar dos alunos sobre o tema “impactos ambientais”, especialmente no tocante à responsabilidade de cada um frente à qualidade do ambiente coletivo. Prova disso foram as manifestações dos jovens, em parte transcritas nos diálogos aqui apresentados, sobre a maneira como professores, funcionários e, conseqüentemente, outros alunos da escola, tratavam um espaço que deveria ser de qualidade, visto que é de uso geral. Os jovens passaram a compreender que é preciso fazer cumprir as regras a partir do exemplo.

Esta mudança de valores foi percebida por mim, dia a dia, a cada atividade realizada. Desta forma, elenco esta transformação por parte dos jovens como um ponto positivo, alcançado também com os debates mediados, onde a inter-relação aluno/aluno, aluno/professora, modificou a forma como o grupo via o seu papel no mundo.

Em cada um dos referidos debates, eles precisavam sustentar seus posicionamentos diante das situações em pauta, mas também precisavam ouvir e ponderar os demais pensamentos. Isso fez com que os jovens analisassem os diferentes ângulos de cada questão, readaptassem suas mentes para novas ideias e compreendessem, de forma efetiva, a inutilidade de uma educação autoritária.

REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Lei nº 12.546, de 14 de dezembro de 2011. Altera a Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996 e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 dez. 2011. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2011/lei-12546-14-dezembro-2011-612002-publicacaooriginal-134621-pl.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CASTRO, R. S. de; SPAZZIANI, M. de L.; SANTOS, E. P. dos. Universidade, meio ambiente e parâmetros curriculares nacionais. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Orgs.). **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 157-178.
- DAMIANI, M. F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas: Unicamp, 2012.
- DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 7. ed. São Paulo: Gaia, 2001.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- LOUREIRO, C. F. B. Teoria social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Orgs.). **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 17-54.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- _____. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2017.